

DEBATE DE 14 DE MARÇO DE 2015 – Professor AMÉRICO MENDES

Apontamentos / Sugestões

- 1 – Floresta no contexto nacional, regional e local – A fileira florestal e a sua importância. Nas exportações, no emprego, na economia (em concelhos predominantemente florestais).
- 2 - Vale do Sousa/Entre Douro e Vouga – Sub-regiões com os mesmos problemas? E soluções?
- 3 – O Eucalipto “rei e senhor” do território. A explosão do consumo para celulose (10.000 T em 1950 – 1.500.000 T no final dos anos 80 - números actuais?). Há cartel no sector? Os perigos da monocultura cada vez mais acentuada e a dependência dela resultante em termos económicos e ambientais.
- 4 – O associativismo actual vai sobreviver? – mentalidades, apoios, caminhos a trilhar...
- 5 – Um Estado que gere uma parcela tão reduzida do todo nacional (2%) não poderia assumir-se como bom exemplo das práticas no sector? (Acontece o contrário...)
- 6 – As actuais políticas fiscais, numa via de sentido único para arrecadação de receita, poderão criar algum estímulo à florestação e aos cuidados permanentes de um sector em que os ciclos são contados por gerações? Será que os legisladores têm noção dessa realidade?
- 7 – Impõe-se o ordenamento e a diversidade, ou vamos continuar a navegar à vista sem bússola, sem norte e com destino incerto?
- 8 – Serviços Florestais (antigos), Viveiros, FFP, CEFF’s, ZIF’s, Lei Verde, Biomassa Florestal, Armazenamento de Carbono. Bons e maus exemplos ao longo dos tempos!
- 9 – Incêndios Florestais, uma fatalidade sem solução? A máquina que o homem inventou, as condições atmosféricas, os descuidos, o crime, a falta de gestão do território (florestal), a falta de investimento (público e privado) na prevenção... Um mundo de problemas!
- 10 – Será que as autarquias, com territórios predominantemente florestais, tomarão consciência que terão ser parceiros assumidos num sector importante para a sobrevivência e fixação das suas populações?
- 11 -O papel das novas gerações na preservação da floresta como garante de um futuro melhor. As escolas, as associações, o conhecimento da realidade não apenas em um dia por ano.
- 12 – As árvores são uma boa companhia que é preciso respeitar todos os dias. Despidas, nas mutações de vestes e cores, fogosas no verde que nos envolve, ou libertando os doces aromas que andam no ar, em terras como Arouca, continuam a dar tudo a custo zero!

Tropeço, 28 de Fevereiro de 2015 – Celso Portugal

ANÁLISE POSTERIOR AO DEBATE DE 14/03/2015

1 – Segundo se consta, as linhas de alta e muito alta tensão irão transformar-se em espaços de corta-fogo. Nessa vertente de protecção da floresta contra incêndios, seria importante (incluir no próximo quadro comunitário?) a possibilidade de apoio à reconversão das margens dos rios e linhas de água, com eliminação das infestantes e plantação de espécies folhosas que alargariam a faixa de protecção, constituindo um bom espaço de contenção dos incêndios.

2 - Reconversão de áreas sem aptidão para o eucalipto ou em que o mesmo está a ser destruído pelas pragas para aí instalar espécies alternativas.

3 – Aproveitamento de áreas de inculco ou abandonadas após os incêndios para reflorestação.

4 – Sensibilizar os poderes públicos para uma gestão adequada das áreas sobre sua jurisdição para que possam ser um exemplo de boa gestão dos espaços florestais e incentivo aos privados. Ao mesmo tempo podem ser espaços de avaliação da rentabilidade real no sentido da implementação de medidas fiscais que possibilitem o investimento. Se não existir algum rendimento líquido na exploração florestal cada vez haverá menor investimento e maior abandono dos terrenos, principalmente os de menor aptidão.

5 – O crescimento desmedido da área de eucalipto e a grande dependência económica dessa espécie poderá levar a curto/médio prazo a um problema grave de sobrevivência de alguns produtores. O “cartel” das grandes empresas de celulose existe e assume cada vez mais o controlo do mercado. Há necessidade absoluta de implementar e recuperar a diversidade, para reduzir a dependência. Embora em sentido oposto, é um exemplo a queda abrupta dos preços dos produtos petrolíferos, que está a colocar em dificuldade a economia dos países produtores mais dependentes dessas receitas.

6 – Embora na prática continue a ser uma miragem, seria importante uma experiência piloto para conjugar a exploração florestal com o pastoreio. Arouca possui espaços com pastagens de boa qualidade em algumas áreas arborizadas (Pinho bravo e folhosas) que se transformam em pasto de chamas. O próximo quadro comunitário comportará essa experiência? As áreas de baldio, ardidadas em 2005, que regeneraram pinho bravo, poderiam comportar essa experiência.

7 – O desenvolvimento do concelho e a sua sustentabilidade económica continua a ter na floresta o seu grande pilar. As entidades locais devem assumir essa realidade e darem-lhe a atenção devida. Não podem ignorá-la e devem encará-la a em parceria com os produtores e os industriais, com toda a fileira do sector, para promover o emprego e a economia. A floresta ainda dá emprego onde mais nada existe e poderá impedir a desertificação total de algumas freguesias.

8 – O complemento entre a floresta e alguma agricultura, além do gado, podem conjugar-se no sentido de atenuar a tendência para o abandono do território. A bolota para os animais e a castanha para o mercado podem também ter um papel importante, bem como algumas culturas inovadoras que têm surgido nos últimos tempos e que esperamos sejam para durar.

9 – O “concelho florestal”, tal como o “país florestal”, tem de integrar-se na realidade, mas afirmar-se nas suas potencialidades. A floresta merece uma atenção especial, incluindo a sua componente ecológica que as entidades oficiais primam em esquecer. O valor dessa componente se fosse devidamente paga pela “sociedade poluidora” poderia tornar-se essencial para a sua preservação. É necessário colocar esses dados em cima da mesa.

10 – A sensibilização das novas gerações não pode assentar apenas na plantação de uma árvore, uma vez por ano, em cerimónias com algum aparato. A floresta é de todos os dias, as árvores são boa companhia e ajudam-nos a viver. O verde que nos delicia e os aromas que andam no ar em terras como a nossa continuam a ser servidos sem custo.

11 – Os fogos não obedecem aos governantes, aos seus despachos, Leis de Decretos-Lei e por isso mesmo começam a surgir fora da época estabelecida. Tem sido fácil constatar no terreno o comportamento anormal dos fogos e esse facto constitui um sinal de alarme que deve ser encarado com responsabilidade e objectividade. Já neste início de Primavera de 2015 se constata que a progressão dos incêndios acontece “anormalmente” com projecções em todos os sentidos e com avanços muito rápidos. A situação na Ponte da Cela em Tropeço na tarde do dia 2/4/2015 e as consequências daí resultantes deverá ser tida em conta não só para uma nova perspectiva nos modos de combate, mas também, muito seriamente, na vertente de segurança dos bombeiros e das populações. O eucalipto constitui um elemento de propagação do fogo que se agrava continuamente. Os dados técnicos terão de ser revistos e a formação actualizada perante essa realidade. Os povoamentos cada vez mais contínuos dessa espécie já constituem um drama que se agravará se nada for feito rapidamente. A força da sua combustão atinge temperaturas que “seca” tudo à volta, incluindo os já raros povoamentos de folhosas. A situação de Ponte da Cela, bem como outras idênticas, merece ser analisada para dela tirar as devidas ilações.

12 – Na sequência do ponto anterior, considera-se de urgência extrema a limpeza atempada das envolventes das habitações e respectivos aglomerados, bem como das indústrias e zonas industriais. À luz do que foi explanado no ponto 11 o plano de emergência para a zona dos passadiços do Paiva deve ser elaborado e avaliado ao pormenor para que não surjam lamentos irreparáveis quando for activada a sua utilização. Fica aqui, mais uma vez, o meu alerta.

03.04.2015

Celso Portugal